

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLIV



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2023

Elogio histórico de Urbano Tavares Rodrigues

TERESA RITA LOPES

Quem me havia a mim de dizer, Mestre e amigo, que viria a ocupar a I cadeira que foi tua na Academia! Confesso que me sinto feliz com essa preciosa herança! Sabe-me bem sentir que, por isso, de certa maneira, te continuo! Claro que só “de certa maneira”... Foste único. É verdade que somos todos únicos, mas apetece-me dizer que uns mais do que os outros... Falar da tua grandeza de alma pode parecer balofa retórica ou banalidade. Mas é assim que a tua lembrança perdura em mim.

Conheci-te como meu professor. Eras o professor mais charmoso da Faculdade — um adjectivo que então ainda se não usava, mas que combina bem contigo — e que tu, que tanto gostaste de seduzir e ser seduzido, gostarias que te aplicassem... Já te tinhas estreado como romancista e todas nos precipitámos sobre a tua *Pedrada no Charco* — título já por si extremamente instigante. A tua pessoa também o era: esguio, com um ar vagamente melancólico de herói romântico, uma bela voz que dava imediatamente uma presença quase física aos textos que nos apresentavas nas aulas (melhor do que tu só o inultrapassável David Mourão-Ferreira, teu amigo e também nosso professor). Aliás, tinham outra afinidade: não resistiam ao encanto das alunas — afinal, o vosso próprio, de que elas avidamente se impregnavam, e vocês, especularmente, recebiam de volta... Havia muito de narcisismo nessa permanente acção de sedução que eram as vossas aulas-serenatas, não propriamente às enamoradas alunas mas à literatura, à arte, à beleza do mundo... Eram ambos autênticos encantadores não de serpentes, mas de jovens amantes das letras... As alunas disputavam-se os lugares da frente para melhor vos beber as mágicas palavras.

Não falo de mim porque eu planava muito acima dos adolescentes quebrantos das minhas colegas pelos teus encantos: só sei de ouvir dizer: era a “Teresa casada”, como me chamavam, porque havia mais Teresas, mas

solteiras, e estava completamente absorvida não propriamente pelos meus deveres de esposa, mas pelas gravidezes sucessivas que me iam acontecendo e, sobretudo, pelos poemas e peças de teatro que comecei a dar à luz. Mas também pelas militâncias a que me entregava de corpo e alma. Uma delas — e muitas foram — consistiu numa difícil recolha de assinaturas de protesto, de que tomei a iniciativa, contra a tua expulsão de assistente da Faculdade — pelas tuas ideias subversivas, claro. A maior parte dos alunos escusava-se, sabia o risco implícito. Lembro-me duma menina que se recusou por seres “mau marido” — como me declarou... Outra assinou, perante a minha inflamada insistência, mas apareceu-me no outro dia com um frasco de lixívia para apagar, que os pais tinham-lhe dito que ia parar à prisão (Claro que não deixei!).

Quando, de papel em punho, te encontrei, no corredor da Faculdade, tu, generoso como sempre, disseste-me: “Ó Teresa, não se prejudique por minha causa que eu já tenho outro emprego!” (como jornalista, creio).

Ficou-me de ti, sobretudo, a recordação do professor exemplar.

Perdoava-te as tuas fraquezas a que me sentia superiormente imune. Gostava da tua generosidade, sempre a emoldurar com elogiosas palavras as intervenções dos alunos, por mais insignificantes que fossem — e aí independentemente do sexo, é preciso reconhecer...

Cada vez que eu espetava o dedo para dizer algo de minha justiça, abrias um largo sorriso, e anunciavas com alguma solenidade que a “Teresa Rita tinha com certeza algo de muito interessante para nos dizer”... Não, não inchava de orgulho, ria-me, à socapa, porque prefaciavas da mesma forma os palpites de colegas por todas considerados irremediáveis palermas... (Digo, sem querer, “todas”, porque já então nestes cursos de Letras havia incomparavelmente mais elas que eles...). Mas admirava a tua palavra clara e luminosa, com que davas viva voz aos textos que nos revelavas, e o amor por eles que nos querias fazer sentir. Dei pela primeira vez atenção ao meu conterrâneo Teixeira Gomes, assunto da tua tese, quando te aplicaste a estudá-lo connosco. A militante professora em que me tornei aprendeu contigo que, mais importante ainda do que aquilo que se ensina, é o entusiasmo com que o comunicamos. E também que devemos dar tanta atenção aos alunos brilhantes como aos menos iluminados, seguindo o teu exemplo, que te interessavas pelo que cada um sabia, dizia e era. Um professor a valer é assim.

Apesar da tua elegância de maneiras, constava entre nós, que , como dizem os brasileiros, não levavas desaforo para casa: resolvias, a murro, as afrontas de que fosses alvo.

Em tempos de Eça e Camilo, essas contas eram ajustadas à bengalada. Tu já não dispunhas desse elegante acessório, passado de moda, e recorrias honestamente aos próprios punhos. Em tempos de tua aluna, lembro-me de me deliciar com uma história que se contava: um jornalista da nossa praça tinha escrito a teu respeito umas zombarias que envolviam a tua mulher, também escritora, Maria Judite de Carvalho. Foste ao Café Chiado procurar o autor do artigo e, à tua eficiente maneira, aplicaste-lhe uma tal girândola de murros que o outro, que usava óculos grossos, suplicava, “ Pára, Urbano, que eu fico ceguinho!”

Nesse meu tempo de aluna e jovem tínhamos mestres — o que era muito importante. Tu eras um deles, o Lindley Cintra, outro, assim como a Maria de Lurdes Belchior. Até o Jacinto Prado Coelho e o Vitorino Nemésio, de quem estava mais distante, tinham, de facto, esse papel (e claro que falo do ramo das Românicas, a que pertenci).

Éramos tão novos! e tão comoventemente ingénuos!

Apesar de termos a quotidiana experiência da brutalidade da PIDE, fazíamos coisas ousadamente românticas porque acreditávamos numa coisa chamada ideal. Que passou de moda. Que pena!

Mesmo sabendo que estávamos a fornecer autógrafos à polícia de Salazar, não hesitávamos em pôr os nossos nomes debaixo de desassombrados textos de protestos e exigências, que nunca eram satisfeitos. Mas continuávamos sempre.

Recentemente, um rapaz do meu tempo, hoje muito bem colocado na vida, disse-me — recordados ambos, sem o dizer, de que eu lhe tinha prometido uma tarefa por estar a dissuadir uma colega de assinar um dos meus protestos, creio que contra a tua expulsão — que eu era muito estalinista... Eu, que nem pertenci nunca a partido nenhum... Fui talvez, tão só, uma guerrilheira do quotidiano — fazia a guerrilha que se me impunha e ninguém me tinha encomendado.

A tua partida da Faculdade, apesar do abaixo-assinado, incitou-me a casmurrar na luta.

Um desses gestos guerrilheiros, foi criar um grupo de teatro na Voz do Operário. Para fazer mesmo teatro, de que sempre gostei, não política — que aliás nunca fiz. E havia generosos encenadores que lá iam, em noites geladas, encenar peças que, a maior parte das vezes, não passavam na Censura. Até fiz uma peça de propósito — penso que bastante má, nem a incluí no meu *Teatro Reunido*. Mas tu, com a tua conhecida generosidade, foste assistir, e escreveste no jornal que se tratava de um “neo-realismo renovado”, e teceste elogios... Perdoa não acreditar neles... Deitei fora a peça, mas não a tua crítica.

Recordo também outra ocasião em que fornecemos autógrafos à PIDE: um abaixo-assinado, por ti assinado também, em que se pedia ao presidente da República que demitisse o Salazar. Curiosamente — e nessa altura não se sabia — Pessoa tinha feito o mesmo, em 1935, em carta dirigida ao Presidente Carmona.

Não sabemos se a carta de Pessoa foi entregue, creio que não. A nossa foi.

Quando soube que estava a ser procurada pela PIDE, fui, na noite desse dia, a tua casa perguntar-te se achavas que teria que ver com uns abaixo-assinados de que também participaras. Mas tu, que estavas ao corrente de uma vaga de prisões na sequência das quais os denunciados estavam a ir pelo mesmo caminho dos denunciantes, disseste-me que era sério, que deixasse o país.

E escreveste-me uma carta para o presidente do “Congrès pour la Liberté de la Culture”, em Paris, Pierre Emmanuel, que me deu uma bolsa de dois meses “pour voir venir” — assim me disse. De facto, nesses dois meses a bolsa serviu-me para tentar orientar a minha precária nova vida. Lembro-me de que, nessa despedida ainda tive ânimo para te deixar uma resma de poemas meus que foste publicando na página literária do *Diário de Lisboa* ou do *República*, que me enviavas depois, alguns cortados pela Censura.

Aparecias em Paris, de quando em quando, durante o meu longo exílio. Depois foi o deslumbramento do 25 de Abril. Levaste-me uma vez à Reforma Agrária.

“Foi tudo ontem”, como diz uma rapariga do meu tempo.

Querido amigo, que sempre mandaste o tempo dar uma volta! Depois de seres pai pela última vez, já depois dos oitenta, contaste-me, rindo da

situação com que me fazias rir (só as pessoas superiores sabem rir de si próprias — o António José Saraiva era mestre nisso!) que, quando o menino nasceu, a tua bisneta de tenra idade se tinha abeirado do berço, sem perceber o que lhe era aquela criança. Fizemos os dois as contas: o teu recém-nascido filho era tio-avô da tua bisneta!

Despeço-me lembrando-te, com algum orgulho, que somos ambos dessa raça quase extinta de dinossauros líricos que se alimentam de ideais — pastagem tão escassa que os raros sobreviventes se arriscam a desaparecer em breve.

(ELOGIO HISTÓRICO APRESENTADO À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 3 DE DEZEMBRO DE 2015)